

Raoni é operado com grave infecção

BRASÍLIA — O "espírito de cavalo", que o pajé Sapaim viu tomar conta do corpo de Raoni, na medicina do "branco" é conhecido como artrite séptica, caracterizada por um quadro de infecção intensa nas articulações. No caso do líder txucarramãe, a doença alojou-se no joelho esquerdo com tal gravidade que os médicos do Hospital de Base de Brasília (HBB) decidiram operá-lo com urgência, anteontem à noite, para tentar afastar o risco de uma septicemia (infecção generalizada), que não está afastado. Os médicos informaram que não é possível afirmar se o cacique voltará a andar normalmente.

— Não dá para operar de manhã? — pediu Raoni ao Diretor do HBB, Mauricio Cariello, quando soube que a cirurgia era inevitável.

Com paciência, o médico explicou ao cacique que seu problema era grave e um adiamento da cirurgia, ainda que por algumas horas, só o prejudicaria. Esta foi a única resistência de Raoni à medicina do "civilizado", como ele costuma chamar. Concordeu com o médico e começou a ser operado às 23h45m.

A decisão de operar Raoni foi tomada por uma junta médica integrada por quatro especialistas em ortopedia: o chefe do setor, Fleury Machado, e os médicos Odelmo de Gregório, Décio dos Reis e Plínio Grossi. Os exames preliminares apontavam um quadro de infecção muito intensa, com tendência à gene-

ralizar-se, colocando em risco a vida do líder indígena.

Assim que chegou ao HBB, Raoni foi submetido a uma punção (retirada de líquido do joelho comprometido) para análise. O material recolhido impressionou os médicos pela densidade e pelo cheiro fétido, característicos de um processo infeccioso por bactérias. Segundo contou o diretor Cariello, o pus recolhido era tão espesso que os laboratoristas encontraram dificuldades para retirá-lo da seringa de exame.

A operação durou pouco mais de uma hora. Os médicos fizeram duas incisões laterais no joelho de Raoni, raspavam todo o pus, lavaram toda a região diversas vezes e aplicaram injeções locais de antibióticos. Em seguida, colocaram um cateter para permitir uma lavagem contínua do joelho durante, pelo menos, cinco dias.

Em entrevista coletiva, o Diretor do HBB explicou que apesar da cirurgia, não está afastado o risco de uma septicemia e ainda não é possível afirmar se Raoni voltará a caminhar normalmente. Segundo Cariello, são vários os fatores que contam contra o índio: a sua idade (ele afirma ter 58 anos); o prolongamento do processo infeccioso, que começou há pelo menos 15 dias; a baixa resistência natural dos índios a doenças estranhas à sua cultura; e a debilidade física em que se encontrava Raoni, acometido por uma malária há cerca de um mês.

Um cacique exigente mesmo fora da tribo

No hospital, pede frango, mas inteiro

BRASÍLIA — A cozinha do Hospital de Base de Brasília teve que improvisar um prato fora do cardápio, ontem, para saciar a fome de seu mais ilustre paciente. Afinal, o primeiro pedido do cacique Raoni, depois da operação, foi comer batata-doce, alimento farto em sua aldeia no Rio Xingu, mas raro na despensa do hospital de Brasília. Raoni também pediu laranja, muita laranja, para o almoço, o lanche e o jantar, subvertendo o menu da nutricionista que o atendeu.

Raoni despertou do pós-operatório pouco depois das 10h e ficou mudo, junto ao filho, observando a perna esquerda enfaixada e a sonda cravada no braço. "Ele estava assustado e arredio, quando o vi pela primeira vez", contou o superintendente da Funai, Airton Alcântara, primeira visita do dia. "Mas ficou feliz quando recebeu os recados que eu trouxe de alguns velhos amigos dele", contou Alcân-



Raoni, ao lado do filho, experimenta um hospital pela primeira vez

tara, que esteve com o cacique das 11h30m ao meio-dia.

A nutricionista perguntou o que Raoni queria comer, além de batata-doce, e ele pediu beiju, o bolo de mandioca tradicional entre os índios. Teve que trocar o desejo por

um peixe magro, servido em generosa porção no almoço, e a expectativa de um frango assado — "inteiro", exigiu o cacique — para o jantar. A tarde, Raoni dormiu, alimentado pelo peixe e por suas batatas-doces.

No início, cacique só aceitava as pajelanças

BRASÍLIA — "Pajés terminaram de curar doença de índio". A mensagem de rádio de Atorongueti, filho de Raoni, chegou às mãos de Megaron — Diretor do Parque Nacional do Xingu e sobrinho do cacique — às 11h30m de quinta-feira e foi a senha para que se desencadeasse a operação que trouxe o superastro da causa indígena para a mesa de operações do Hospital de Base de Brasília. O txucarramãe só aceitou ser tratado pelos médicos brancos quando a junta de pajés afastou o "espírito do cavalo" que o possuiu e o estava deixando sem forças sequer para caminhar.

— Doença de índio tem que ser tratada por índio, doença de branco por branco — explica Megaron. No caso de Raoni, Atorongueti, que tem noções de enfermagem, achou que a doença exigia maiores cuidados e recomendou que ele fosse tratado também pelos médicos brancos, além dos pajés do Xingu.

A união da medicina indígena com a tradicional não deve assustar, segundo afirma o antropólogo Olímpio Serra, Presidente da Fundação Mata Virgem, criada pelo cantor Sting e pelo cacique Raoni a partir da viagem à Europa que fizeram no começo deste ano.

— Nós defendemos que a medicina ocidental seja complementar à indígena, que trata dos sintomas atribuídos a fatores extra-mundo. Por razões que nós não podemos explicar, é bem possível que Raoni não estivesse tão bem como está hoje, se ele não tivesse sido tratado da sua doença de índio pelos pajés, afirmou ele.

A Fundação Mata Virgem — a pedido de Megaron, que é um dos conselheiros da entidade — foi quem fretou o avião Navajo que trouxe Raoni. A Funai não tinha nenhum avião disponível. Segundo explicou o Superintendente Geral da Funai, Coronel Airton Alcântara, dois aviões estavam em revisão e um outro servindo aos ianomami, em Roraima.

A artrose reumática de Raoni — para Olímpio Serra — não está relacionada com a viagem que ele fez à Europa.